



O SUJEITO DO DISCURSO

Maria Roseli Castilho Garbossa (UNIOESTE)
roseligarbossa@hotmail.com

RESUMO: O propósito deste trabalho é compreender o conceito de sujeito na perspectiva teórica da Análise de Discurso de orientação francesa: teoria inaugurada por Michel Pêcheux, na década de 60, na França, e constituída no entremeio do Materialismo Histórico, da Linguística e da Psicanálise. Pretendemos, ainda, perceber de que maneira o sujeito age interpelado ideologicamente pela formação discursiva predominante em dada época social. Para tal empreendimento, analisamos algumas sequências discursivas retiradas de cinco edições da revista *Capricho*, direcionada, principalmente, ao público adolescente.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Sujeito. Ideologia.

ABSTRACT: The purpose of this work is to understand the concept of the subject in the theoretical perspective of discourse analysis of French orientation: theory inaugurated by Pêcheux, in the 60s in France and made from the Historical Materialism, linguistics and psychoanalysis. We also intend to realize how the subject acts challenged ideologically by the dominant discursive formation in a social time. For this work, we analyzed some discursive sequences taken from five editions of the magazine *Capricho*, directed mainly to the teenagers.

KEYWORDS: Discourse; Subject; Ideology.

1 Introdução

A linguagem é um fenômeno complexo que tem sua especificidade em um modo de funcionamento que se dimensiona no tempo e no espaço das práticas do homem. É pela e na linguagem que os sujeitos interagem e participam do movimento da história.

Nesse movimento, muitas são as teorias desenvolvidas para analisar e compreender o seu funcionamento. Dentre elas, está a concepção adotada neste trabalho, a Análise de Discurso de orientação francesa (doravante, AD), teoria que consolidou-se nos anos 60, na França, em meio a grandes transformações políticas e econômicas: por isso, Pêcheux, filósofo francês, precursor da teoria, iniciou com a análise dos discursos políticos. A partir da análise desses discursos, principalmente, a AD problematiza a relação entre os campos disciplinares em evidência no século XIX,

época de sua emergência, principalmente questionando as ideias sobre o sujeito, a ideologia e a língua, entrelaçando

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos (PÊCHEUX e FUCHS, in: GADET E HAK, 2010, p. 160).

Pêcheux (2010) afirma que a articulação dessas três regiões é atravessada pela teoria da subjetividade de natureza psicanalítica, a partir da qual a AD explica como o sujeito é determinado, sem perceber, pela ideologia. E é esse ponto que marca a singularidade pensada por Pêcheux: a relação da ideologia com a língua, afastando a ideia positivista e metafísica da linguagem, do sujeito e do sentido como origem.

Nesse processo, muitas foram as análises, os conflitos, as discussões e os deslocamentos efetuados durante a constituição da “nova teoria”, visto que a mesma surgiu em uma época econômica, política e ideológica conturbada no cenário francês.

A “Tripla Aliança” teórica configurada na França sob os nomes de Althusser, Lacan e Saussure, no decorrer dos anos 60, foi questionada, principalmente, quando o assunto era a sua relação com a ideologia e, então, muitos dos conceitos desses renomados autores foram deslocados. Isso demonstra que a situação não era tranquila e urgia por transformações teóricas e analíticas: “não há fumaça sem fogo” (PÊCHEUX, 2009, p.269). Nessas condições, posições filosóficas, políticas e linguísticas defendidas até então precisavam ser pensadas ou, melhor dizendo, deslocadas, a fim de que fosse possível compreender e, supostamente, transformar o rumo da história.

Sobre esse ponto, Pêcheux (2009) assevera que há tempos os marxistas já haviam defendido que “as condições materiais de existência dos homens determinam as formas de sua consciência, sem que as duas jamais coincidam, ou ainda, [...] que os homens fazem a história, mas não a história que eles querem ou acreditam fazer”

(PÊCHEUX, 2009, p.272). Podemos depreender dessa afirmação que, “ao fazer a história que eles acreditam fazer”, os homens estão agindo de forma inconsciente, pois acreditam estar no “comando” de suas ações. Foi a partir desse ponto que Althusser procurou compreender o funcionamento do Materialismo Histórico e, então, deslocou algumas ideias e conceitos marxistas.

Sobre a teoria das condições da reprodução das relações de produção, de acordo com Pêcheux (2009, p.272), Althusser trabalhou pelo menos dois aspectos: teoricamente, a relação do Marxismo com certos conceitos psicanalíticos tais como sujeito, ego, inconsciente, consciente, imaginário, identificação e, principalmente politicamente, a necessidade de desenvolver, no movimento operário, a “junção” entre teoria e prática na luta ideológica de classes, em sua relação com o Estado, ou seja, ele procurou perceber e compreender de que forma a ideologia dominante provoca as evidências de quem são os sujeitos que, conscientemente, fazem a história.

A partir desta constatação, Pêcheux procura, em sua obra intitulada “*Les Vérités de La Palice*”, analisar a noção de luta ideológica de classes, considerando os Aparelhos Ideológicos de Estado - conceito desenvolvido por Althusser - como sendo “*a sede e o motivo de uma luta de classes*”. (PÊCHEUX, 2009, p.274, grifos do autor). O filósofo francês considera a luta ideológica de classes como um processo contraditório de *reprodução-transformação* das relações de produção existentes.

2 Relações de produção: um movimento ideológico conflituoso e contraditório

A fim de compreendermos a constituição e o funcionamento da teoria materialista do discurso, partimos para a análise sobre o funcionamento das relações sociais. Pêcheux (2009) especifica alguns pontos relacionados à teoria das ideologias, à prática de produção dos conhecimentos e à prática política.

Para o autor, a noção de “produção/transformação” se refere ao caráter fundamentalmente contraditório de todo modo de produção que se estrutura numa

divisão em classes e tem como princípio a luta de classes. Para ele, não é possível contrapor reprodução e transformação das relações de produção, pois a luta de classes perpassa o modo de produção em sua totalidade e isso implica dizer que atravessa também os Aparelhos Ideológicos de Estado (doravante AIE) trabalhados por Althusser.

Ao decidir explorar a noção de AIE, Pêcheux explica que é preciso atentar sobre algumas questões, dentre elas, e fundamentalmente, a questão da ideologia. Para ele, “as ideologias não são feitas de ‘ideias’, mas de práticas” (PÊCHEUX, 2009, p.130). Logo, a ideologia não é anterior à luta de classes, mas perpassa, integra e constitui as práticas sociais nos mais variados lugares e posições. Dessa forma, os AIE não são a representação da ideologia da classe dominante capaz de regular (totalmente) as manifestações sociais, mas são os lugares da sua manifestação. Em outros termos, é no funcionamento dos AIE que a ideologia se realiza podendo tornar-se dominante. O autor considera, ainda, que estes aparelhos não reproduzem simplesmente as relações de produção, mas são também um lugar da luta de classes em prol das transformações dessas relações. Já escrevia Althusser (In: (PÊCHEUX, 2009, p.278): “Quem diz luta de classe da classe dominante diz resistência, revolta e luta de classe da classe dominada”. Não há hegemonia na luta de classes como se houvesse (só) dois lados: o do patrão e o do proletariado. Esse é, também, um ritual com lapsos, atos falhos, que sofre conflitos e assim move a sociedade. Se assim não fosse, como explicar as rebeliões, os confrontos e as greves, por exemplo?

Um ponto crucial destacado por Pêcheux é a tese de que “A Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”. Partindo desse aspecto, ele realiza uma análise cuidadosa do funcionamento da articulação entre a teoria materialista dos processos discursivos e as condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção. Assim, a concepção de ideologia é tomada como determinante, pois “Só há prática através e sob *uma* ideologia; só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 135, destaques do autor).

Para Pêcheux (2009), as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção são condições contraditórias constituídas em dado momento

histórico e em uma formação social dada através do complexo conjunto dos AIE que essa formação social comporta. Isso pressupõe as relações de contradição/desigualdade/desubordinação entre os elementos que constituem as relações sociais. Nesse processo, em sua materialidade concreta, a instância ideológica funciona sob a forma de formações ideológicas (FI) heterogêneas, tais como a religião, a política, a economia, a educação, a mídia, etc., que, mesmo podendo ser distinguidas, constituem-se em um mesmo sistema complexo. Nessa relação, é possível pensarmos que, em uma formação social dada, movida pelo seu modo de produção, temos uma FI geral e dominante que “controla” a produção e o funcionamento dos discursos. Em se tratando da relação do sujeito com o corpo, podemos pensar em uma FI predominante que faz com que o(s) sujeito(s) ajam movidos por ela a fim de se “encaixarem” em modelos estereotipados de beleza, não raras as vezes prejudicando a saúde física e mental em prol de uma suposta (e inatingível) perfeição estética. Para exemplificar, atentamos para uma materialidade discursiva da mídia em análise, a revista *Capricho*:

(SD1) CLIQUES TANQUINHO DE OURO /Aff! A gente achou que não seria possível, mas é fato: o tanquinho de Justin Bieber só evoluiu. O cantor voltou a treinar pesado na academia e presenteia seus mais de 18 milhões de seguidores no Instagram com fotos deste corpinho. São selfies sem camiseta, na academia e na piscina, dourando os quadradinhos. Ai, ai... (CAPRICHOS, ed.1201, ago.2014, p.15, maiúsculas do editor).

Ao trazer a imagem de um cantor famoso para as adolescentes, principalmente, para reiterar a sua prática discursiva, a revista *Capricho* (re)produz uma imagem de corpo em evidência na atualidade: o corpo malhado, sarado e com “barriga tanquinho”. Logo, a imagem de corpo propagada é a que predomina nos discursos atuais de beleza, saúde e moda. Fato comprovado no discurso da *Capricho* ao afirmar que o artista, frequenta inúmeras horas de academia e “presenteia seus mais de 18 milhões de seguidores no Instagram com fotos deste corpinho”, modelo que passa a ser idolatrado e buscado por inúmeros sujeitos que agem movidos pela FD dominante no atual modo de



produção e passam a se comportar com o intuito de atingir, eles também, o tão sonhado estereótipo de beleza.

Podemos pensar que, na prática discursiva de que é revista *Capricho* é suporte, predomina, inconsciente e fundamentalmente, uma Ideologia que “controla” a produção dos discursos, dos comportamentos e dos sentidos, por meio de uma “força” que move o motor do modo predominante de produção atual, o capitalista.

Nesse movimento,

a ‘Ideologia em geral não têm história’, na medida em que ela se caracteriza por ‘uma estrutura e um funcionamento tais que fazem dela uma realidade não-histórica, isto é, *omni-histórica*, no sentido em que esta estrutura e este funcionamento se apresentam na mesma forma imutável em toda a história (PÊCHEUX, 2009, p.137, destaques do autor).

Ao afirmar que a Ideologia é a-histórica, o autor defende que a mesma não tem um momento anterior a ela. Ao nascer, somos interpelados em sujeitos por ela: logo, ela existe mesmo antes de existirmos. É com a evidência idealista de linguagem que dominava a época da emergência da AD, de que o sujeito e o sentido são originais, que Pêcheux rompe, ao propor a teoria materialista do discurso: “*A constituição do sentido* se junta à da *constituição do sujeito*, e não de um modo marginal [...], mas no interior da própria ‘tese central’, na figura da *interpeção*” (PÊCHEUX, 2009, p.140).

A partir dessa perspectiva, podemos pensar no corpo adolescente na revista *Capricho*, não como evidente e transparente, mas como um espaço carregado de significações construídas ao longo da história, um corpo que é atravessado de discursividade e por efeitos de sentido construídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória funcionando ideologicamente.

Para este empreendimento, passamos a uma reflexão a respeito da constituição do sujeito.

3 Sujeito: conceitos deslocados

Dentre os diversos conceitos discutidos e (re)formulados por Pêcheux, está o de sujeito. Considerando que a teoria materialista do discurso se consolida no entremeio, muitas foram as leituras, discussões e deslocamentos efetuados por seu fundador. Paul Henry (in: GADET e HAK, 2010 [1990]), ao comentar a obra de Pêcheux, faz alusão a autores contemporâneos dele. Ele assevera que tanto Pêcheux, quanto Lacan, Foucault ou Althusser, embora tenham se debruçado sobre questões que emergiam do estruturalismo vigente na época, não podem ser considerados estruturalistas, pois todos eles, cada um à sua maneira, romperam com a teoria em evidência. O estruturalismo da década de 60. Os autores aos quais fizemos referência questionaram noções diversas, dentre elas a do “funcionamento” do sujeito em uma época em que predominava a filosofia idealista da linguagem: sob o modo do objetivismo abstrato, que considerava a língua como um sistema neutro e abstrato, e do subjetivismo idealista, que tomava o sujeito como origem e causa de si.

É importante ressaltar que, nesse processo, a questão do sujeito vem ao longo dos tempos sendo discutida por teóricos diversos e sob diferentes concepções. Isso comprova a incompletude da linguagem, do sujeito e dos sentidos. Somente para exemplificar, destacamos (neste momento, superficialmente) alguns apontamentos sobre a noção de sujeito para os estudiosos supracitados.

Os estudos de Foucault buscam compreender os discursos nos quais o sujeito é tomado como objeto de saber. Nas palavras de Foucault (2004, p.236), “os processos de subjetivação e de objetivação fazem com que o sujeito possa se tornar, na qualidade de sujeito, objeto de conhecimento”. Podemos compreender, aqui, como processos de subjetivação o modo como o homem se compreende como sujeito legítimo de certo tipo de conhecimento, ou melhor, de que maneira o sujeito percebe a si mesmo na relação sujeito-objeto. Os processos de objetivação, por sua vez, dizem respeito à maneira como o sujeito se tornou um objeto para o conhecimento. Para Foucault, os processos de

objetivação e de subjetivação se completam e se relacionam por meio do que ele denominou de “jogos de verdade”.

Por jogos de verdade, o autor entende “não a descoberta das coisas verdadeiras, mas as regras segundo as quais, a respeito de certas coisas, aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro e do falso” (FOUCAULT, 2004, p.235). Podemos, então, compreender como “jogos de verdade” a relação dos discursos, dos sujeitos e das vontades de verdade de determinada época histórica.

A partir dessa concepção de funcionamento do discurso, Foucault vai observar como funcionam, na sociedade, as práticas discursivas e, sobretudo, as práticas coercitivas que se estabelecem como relações de saber e de poder. Para isso, o autor analisou o funcionamento do efeito de verdade e as práticas institucionais. Em outros termos, o autor buscou compreender de que maneira os saberes se tornam mecanismos políticos que funcionam como mecanismos de poder.

Para Foucault, as relações de poder são constitutivas das relações sociais, pois “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1985, p.89). A título de exemplo, podemos citar o caso da loucura. Para ele, “Todas as formas de comunicação imediata que vimos se manifestar na loucura dependem apenas dessa linguagem e de seus poderes” (FOUCAULT, 2002, p.237-238). Nesse caso, o sujeito é tido como fora da ordem social, pois, ao se comportar de acordo com as suas características, entra em contradição com os discursos que determinam o que pode e deve ser dito socialmente em dada época e lugar, ou seja, com os discursos que são autorizados a funcionar de acordo com a vontade de verdade do momento: “Essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 2004, p.18).

Podemos pensar que, para Foucault, a subjetividade é produzida pela exterioridade, uma vez que a inscrição do sujeito enunciator se dá pelas regras e controles deste lugar historicamente construído. Para ele, todas as manifestações sociais são produzidas mediante relações de poder. Em **Vigiar e punir** (1975), por exemplo, o



autor afirma que “o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele, elas o investem, o marcam, o dirigem [...] obrigam-no a cerimônias” (FOUCAULT, 2004, p.60).

Nessa direção, podemos pensar a produção discursiva sobre o corpo na revista *Capricho* como uma vontade de verdade que controla o que pode e deve ser dito sobre ele em dadas condições de produção são discursos que controlam a produção discursiva sobre o corpo aceito socialmente.

Para Foucault (2010, p.43), a vontade de verdade de uma época pode ser considerada como “mecanismos e procedimentos destinados a conduzir os homens, a dirigir a conduta dos homens, a conduzir a conduta dos homens”. Podemos pensar que essa manifestação de verdade ganhará forma e se tornará uma vontade de verdade para o sujeito. Para a compreensão do que estamos procurando analisar, observemos:

(SD2) Ela [Bruna Marquezine] é novinha, mas já tem um corpão mesmo. É gata de todos os ângulos, não tem como deixa-la feia. [...] E, mesmo que já tivesse um corpo e tanto, decidiu dar uma turbinada em suas formas (CAPRICHOS, jun. 2015, p. 21).

Ao afirmar que “Bruna Marquezine é novinha e já tem um corpão mesmo”, podemos inferir que a revista *Capricho* (re)produz uma imagem de corpo construída socialmente. Ao fazer uso do enunciado “corpão” relacionado à modelo (famosa na época também por ser namorada de um jogador famoso), a revista aciona e interpelada ideologicamente por meio de uma imagem de corpo que é construída a partir de uma FI predominante. Este corpo movimenta a produção, a circulação e a propagação do periódico e, nesse processo, a venda de produtos variados que, supostamente, prometem o alcance ou, pelo menos, uma aproximação da perfeição de corpo sonhado pelo seu público leitor e consumidor.

A partir destas breves reflexões, podemos dizer que a noção de discurso da AD e de Foucault se aproximam no que diz respeito à produção e ao funcionamento do sujeito



a partir de lugares exteriores a ele. Podemos pensar, nessa relação, em uma subjetividade produzida pela exterioridade, o que implica a inscrição do sujeito nos discursos que são produzidos mediante relações de poder em certas condições de produção. Logo, podemos afirmar que os discursos e a subjetividade estão a todo momento em um processo de (re)produção. Considerando a SD anterior, podemos pensar em uma imagem de corpo construída em uma dada época histórica em que os discursos se voltam para a constante busca de um corpo belo, aceitável e desejado.

Voltando à noção de sujeito, para Lacan, parafraseando e citando Fink (1998 [1956], p.20), “o inconsciente é o discurso do Outro”, quer dizer, o inconsciente são as palavras que surgem de um lugar que não é o sujeito. Assim, “o inconsciente é o discurso do Outro” (p.20). Ao falar, acreditamos que estamos no comando e podemos controlar o que anunciamos. Tanto o é que, quando falamos algo que, no momento, pode ser considerado inoportuno, rapidamente nos corrigimos (ou pelo menos tentamos) com enunciados do tipo: “Não foi exatamente isso que eu quis dizer”. Freud diria “A verdade falou” (FINK, 1998 [1956]), p.20.

Sobre isso, a teoria lacaniana afirma que tudo o que pensamos saber de nós mesmos está longe da verdade do que somos e, do mesmo modo, nossas suposições sobre outras pessoas e também delas sobre nós. Para Lacan, o inconsciente é o discurso do Outro e é estruturado como uma linguagem. Assim, o que pensamos que são nossas concepções e nossas opiniões são, na verdade, tudo que já presenciamos e já ouvimos durante as nossas experiências nas mais variadas manifestações sociais. Nas palavras de Fink (1998 [1956]), p.21), “o inconsciente está repleto da fala de outras pessoas, das conversas de outras pessoas e dos objetivos, aspirações e fantasias de outras pessoas.

Ainda segundo Lacan (apud FINK, 1998 [1956]), p.55), “o sujeito nunca é mais do que o suposto”, quer dizer, o sujeito é o que nós imaginamos que ele seja. Parece-nos que essa concepção se aproxima da noção de sujeito de Pêcheux, a de sujeito que, interpelado, age como se fosse capaz de controlar o que pensa, o que fala e o que faz. Vejamos:



(SD3) **Quero** ser uma inspiração. Mas só vou conseguir isso **sendo eu mesma** (CAPRICHIO, dez. 2014, p. 18, grifos nossos).

Podemos, a partir da interpretação desta materialidade discursiva, produzir o efeito de sentido de que o sujeito enunciador acredita ter controle sobre a linguagem e sobre si mesmo. Ao utilizar a primeira pessoa do singular “[eu]quero” e “sendo eu mesma”, ele acredita ter controle sobre o funcionamento da linguagem. No entanto, o que fica silenciado para ele e quem sabe, para a grande parte dos sujeitos leitores, é que, quando o sujeito produz o discurso, ele o faz interpelado ideologicamente e é levado a acreditar que é a causa, a origem e o controlador dessa produção.

Segundo Fink (1998 [1956]), somos alienados pela e na linguagem, pois a linguagem antecede o nosso nascimento, fluindo em nós através do discurso que nos rodeia, moldando os nossos desejos e fantasias. Sem ela, não haveria o desejo da maneira como o conhecemos – estimulante e, ao mesmo tempo, contorcido, contraditório e insaciável; aliás, não haveria o sujeito como tal, esse sujeito iludido que é capaz de controlar (totalmente) os discursos, a linguagem e os sentidos.

Para o referido autor, no conceito lacaniano de alienação, “ao assujeitar-se ao Outro, a criança ganha algo: ela torna-se, em certo sentido, um dos sujeitos da linguagem, um sujeito ‘da linguagem’ ou ‘na linguagem’ (FINK, 1998), p.55). Pensamos que, de forma simplista, podemos dizer que a alienação de Lacan possa ser a interpelação ideológica de Pêcheux, ambas trabalham para a constituição do sujeito. Tanto para Lacan, como para a AD, a linguagem é a condição fundante para que o sujeito nela e por ela se constitua. Em suma, não é possível significar-se enquanto sujeito a não ser pela linguagem.

Para contribuir com a discussão, trazemos Derrida, o qual, segundo Henry (in: Pêcheux, 2010, p.30), “fornece a chave quando critica a tentativa de se decifrar ‘uma verdade, ou origem, escapando do jogo ou da ordem do signo’”. Para o autor, a linguagem não é tomada como origem, ou que cobre uma verdade independentemente



dela própria, e sim como exterior a qualquer falante, o que resulta em tomar o sujeito como posição e não como uma “coisa em si mesma, como uma substância” (p.30).

Momentaneamente, podemos considerar que os autores supracitados (Foucault, Lacan, Althusser, Derrida) procuram desfazer-se da concepção de um sujeito transcendental que se relaciona com o “sempre-já-lá” da linguagem, como se esta desse conta de explicar o funcionamento das relações sociais. E é por essa brecha aberta por autores como estes, que Pêcheux se detém na questão do sujeito e a noções afins.

4 O sujeito para Pêcheux

O conceito de sujeito se entrelaça com outros fios conceituais da AD, conceitos que são deslocados de outros estudiosos e que servirão para adentrarmos no corpus selecionado a fim de realizarmos gestos de interpretação que sinalizem seus movimentos, seus efeitos, sua relação com outros conceitos e com os efeitos de sentidos dos discursos. Assim, partimos, nesse momento, para a compreensão da noção pecheuxtiana de sujeito.

Segundo Henry (in: PÊCHEUX, 2010, p.30), Pêcheux, em sua obra intitulada “A análise automática do discurso” e nos dois textos assinados como Herbert, segue mais Althusser que Lacan, Derrida ou Foucault, seus contemporâneos, já que a sua preocupação maior se referia à relação entre o discurso e a prática política, ligação que, para ele, passa pela ideologia.

Para Althusser, é tomando a ideologia como referência que Pêcheux vai considerar o sujeito enquanto efeito ideológico elementar. É como sujeito que todo indivíduo é ‘interpelado’ a ocupar um lugar determinado no sistema de produção. Como exemplo, citamos um fragmento de uma obra de Althusser¹, da qual Pêcheux compartilha:

¹ Louis Althusser. Idéologie et appareils idéologiques d'état, in La Pensée, 151, jun., 1970, p.30.



Como todas as evidências, incluindo aquela segundo a qual uma palavra ‘designa uma coisa’ ou ‘possui uma significação’, ou seja, incluindo a evidência da transparência da linguagem, esta evidência de que eu e você somos sujeitos – e que este fato não constitui nenhum problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar (ALTHUSSER, apud HENRY, 2010, p.31).

Ao afirmar que o “sujeito é um efeito ideológico elementar”, Althusser defende que todos são sempre “já-sujeitos”. Para ele, “A ideologia não existe senão por e para sujeitos.” Assim, não há prática senão sob uma ideologia. Em outros termos, todo sujeito social só pode ser agente de uma prática social enquanto sujeito, ou seja, através da interpelação ideológica.

A partir destes apontamentos, percebemos que os sujeitos de Lacan, Foucault e Derrida estão ligados à linguagem ou ao signo e não especificamente à sua relação com a ideologia. E é nesse ponto que a concepção sobre sujeito de Althusser se diferencia. Althusser não se interessava pela linguagem, especificamente, mas à sua relação com a ideologia; em suma, pela “evidência da transparência da linguagem: o efeito ideológico elementar”. E é a partir dessas reflexões que Pêcheux passa a pensar a ligação e o funcionamento do sujeito, da ideologia e da língua, desenvolvendo, para isso, a noção de discurso, bem como outras questões que envolvem o seu funcionamento.

Podemos dizer que Pêcheux fica no entremeio do “sujeito da linguagem” e do “sujeito da ideologia”. Ele vai então compreender a relação entre esses dois sujeitos, ou seja, a relação entre “a evidência subjetiva” e “a evidência do sentido” e vai, então, trabalhar a relação da linguagem com a ideologia: o discurso.

Pêcheux (2009, p.145) afirma que é o processo de interpelação-identificação que produz a evidência que leva o sujeito a dizer (e acreditar) “eu sou realmente eu”: tenho o meu nome, a minha família, os meus amigos, as minhas crenças, os meus gostos.

Podemos perceber essa evidência no discurso da revista *Capricho*, ao observarmos, por exemplo, a materialidade discursiva a seguir, na qual a locutora,

interpelada ideologicamente, acredita que o que diz é a “sua” opinião e ainda aposta que é isso que a diferencia das outras pessoas. Vejamos:

(SD4) O segredo do sucesso: ‘Além de criar posts novos todos os dias, **eu coloco minha opinião em tudo. É ela que me diferencia de outras garotas**’ (CAPRICHIO, ed.1201, ago. 2014, p.77).

(SD5) O segredo do sucesso: ‘**Nunca tive medo de falar o que penso** e não me importo de rir mesmo quando o assunto é polêmico’ (Paula Landucci, 20 anos, SP, blogueira) (CAPRICHIO, ed.1201, ago. 2014, p.80).

Na SD 4, podemos captar o efeito de sentido de evidência do sujeito como sendo a origem do discurso, como se o que ele enuncia revelasse uma suposta opinião individual: “minha opinião”. E, além do mais, ele acredita que controla também a linguagem, já que afirma que “coloca a sua opinião em tudo”, opinião que somente poderia ser expressa por meio da língua. Podemos ainda produzir o efeito de sentido de que o locutor acredita que é essa suposta “opinião própria” que o diferencia das outras pessoas, conforme o excerto: “É ela [opinião] que me diferencia de outras garotas”, como se as características dos sujeitos fossem produzidas em seu interior e independentemente e viessem à tona de acordo com a vontade de cada um. Apagam-se, nesse processo, as condições de produção em que os discursos e os sujeitos são produzidos, bem como as relações sociais das quais esse sujeito enunciator participa, direta ou indiretamente, ao longo de sua vida, as quais determinam, por meio da memória discursiva, o que ele afirma ser “sua opinião” ou “o que pensa” (SD5).

Assim, ao ser interpelado ideologicamente, o sujeito é levado a acreditar que as ações que realiza são originárias dele, ou seja, ele estaria no controle das suas condutas. Pêcheux exemplifica essa questão com a citação “um soldado francês não recua” (PÊCHEUX, 2009, p.146). Isso significa: “se você é um *verdadeiro* francês, o que, de fato, você é, então você não *pode/deve* recuar” (PÊCHEUX, 2009, p.146), destaques do autor). Dessa forma, as ações tomadas pelo sujeito, embora ele acredite serem suas

escolhas conscientes, não o são, já que é a ideologia que designa o que o sujeito é e o que deve ser:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascarram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 2009, p.146, grifos do autor)

Para o estudioso, o caráter material do sentido é mascarado pela evidência da linguagem como transparente. O enunciado “um soldado francês não recua” produz o efeito de sentido de que, se o sujeito é um soldado francês (e ele é), não deve e não pode recuar. É essa evidência que vai fazer com que se construam as “imagens do que são as pessoas e as coisas” na sociedade. Isso é possível através da “dependência constitutiva daquilo que chamamos ‘o todo complexo das formações ideológicas’” (PÊCHEUX, 2009, p.146). O autor explica esse funcionamento a partir de duas teses. A primeira é a de que

as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem (PÊCHEUX, 2009, p.147, destaques do autor).

De acordo com esta tese, o sentido das palavras e expressões não se encontram nelas mesmas, como se estivessem coladas umas às outras. Os sentidos são produzidos de acordo com os lugares em que são enunciados. Esses “lugares” são denominados por Pêcheux de formações discursivas. Nas palavras do autor:

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um



sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (PÊCHEUX, 2009, p.147).

Aqui, reside para o autor a interpelação dos indivíduos em sujeitos de “seu” discurso, os quais agem movidos pela FD da qual fazem parte. E, dessa forma, interpelados ideologicamente, acreditam ser realmente eles os produtores dos discursos, afirmando “Eu penso”, “Eu acredito”, “Eu decido”. Vejamos, a título de exemplo, mais uma materialidade discursiva do periódico em análise:

(SD6) Quero ser uma inspiração. Mas **só vou conseguir isso sendo eu mesma** (CAPRICHIO, ed.1205, dez.2014, p.18, destaques do editor).

Ao observarmos a afirmação “só vou conseguir isso [ser uma inspiração] sendo eu mesma”, percebemos que a locutora age como se fosse ela a produtora e controladora do discurso. Essa é a tese da AD de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e assim produz discursos acreditando, de forma inconsciente, de que os controla e mais ainda, se controla e, ainda mais, controla os outros, conforme podemos observar no enunciado: “Quero ser uma inspiração”.

Ao afirmar que “quer ser uma inspiração”, a locutora produz o efeito de sentido de que é capaz de produzir mudanças no comportamento de outras pessoas, visto que, ao ser uma “inspiração” leva-nos a pensar que ela, supostamente, tenha atributos que despertem a curiosidade e a vontade de ser imitada, seguida e admirada.

Ao produzir o discurso e acreditar que o que diz só poderia ser dito do jeito que diz e que os sentidos só poderiam ser aqueles que supostamente seriam produzidos, o sujeito age movido pela FD da qual faz parte. Essa é a segunda tese de Pêcheux de que

Toda formação discursiva dissimula pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas (PÊCHEUX, 2009, p.148).



E é pensando nesse “todo complexo dominante” que a AD busca compreender o funcionamento do discurso, inscrevendo-o para isso, na relação da língua com a história e buscando na materialidade linguística as marcas das contradições ideológicas.

Considerações finais

Diante dessa breve e inicial análise, podemos depreender que o sujeito do discurso age como se fosse origem do seu dizer. No entanto, ele age interpelado ideologicamente pelas concepções da época: assim, suas ações são como “reflexos” do que predomina na sociedade.

Nesse processo, podemos pensar em uma formação social dada, movida pelo modo de produção predominante que controla a produção e o funcionamento dos discursos e dos sujeitos. Em se tratando da relação do sujeito com o corpo, percebemos que a imagem que prevalece é a aceita socialmente. E é em busca dessa suposta perfeição que os sujeitos se movimentam, sempre, pois o modo de produção capitalista produz um simulacro de corpo e uma necessidade constante de busca: nunca atingível completamente.

Nesse movimento, o sujeito, que é interpelado, não “percebe” que as vontades são construções e então age iludido de que é capaz de controlar os discursos, a linguagem e os sentidos.

Referências

FINK, Bruce. **O sujeito laciano**: entre a linguagem e o gozo. Tradução de Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 1998 [1956].

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** - aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. Política e Ética: uma entrevista. In: **Ética, Sexualidade e Política**, por Michel Foucault, 218-224. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.



_____. **História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si.** Rio de Janeiro: Graal, 1985

_____. **História da loucura na Idade Clássica.** Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **Do governo dos vivos:** curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos). Tradução de Nildo Avelino. São Paulo; Rio de Janeiro: Centro Cultural; Achiamé, 2010.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs). Trad. Bethânia S. Mariani et al. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 .

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1988].

_____. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. 7.ed.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. **A propósito da análise automática do discurso:** atualização e perspectivas (1975). In: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs). Trad. Bethânia S. Mariani et al. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1990].

REVISTA CAPRICHIO. São Paulo: Abril, agosto, 2014. Brasil.

_____. São Paulo: Abril, julho, 2014. Brasil.

_____. São Paulo: Abril, agosto, 2009. Brasil.

_____. São Paulo: Abril, junho, 2015. Brasil.

_____. São Paulo: Abril, dezembro, 2014. Brasil.

Recebido Para Publicação em 30 de junho de 2016.

Aprovado Para Publicação em 15 de setembro de 2016.